

Engels & Marx: guerra e revolução

JOÃO ROBERTO MARTINS FILHO*

Cento e dez anos após a morte de Engels, a produção dos fundadores do marxismo sobre a temática da guerra ainda espera mais atenção. A fortuna crítica reunida por Bob Jessop e Charlie Malcolm-Brown, em *Karl Marx's social and political thought. Critical assessments* (London/New York, Routledge, 1990, quatro volumes), não tem um único artigo dedicado especificamente ao tema, nos seus 134 textos. Em português, a coletânea mais completa da produção engelsiana é o já antigo *Temas militares* (Lisboa, Editorial Estampa, 1976), com cerca de 400 páginas. A importante obra de Raymond Aron, *Pensar a guerra: Clausewitz* (Brasília, UNB, 1986, 2 vols), preocupada em refletir sobre o fenômeno da guerra no âmbito de uma teoria da ação, centra-se na linhagem Maquiavel-Clausewitz-Lenin-Mao, deixando de lado os fun-

dutores do marxismo. O texto básico lido hoje pelos militares brasileiros – *Introdução à estratégia*, de André Beaufre (Rio, Bibliex, 1998) –, reflete também o interesse pelo maoísmo, típico da produção francesa do início dos anos 60, quando foi pela primeira vez publicado. Sua atualidade em terras brasileiras parece estar ligada à importância que os estrategistas da força terrestre dão atualmente às táticas de guerrilha em suas hipóteses de defesa no cenário da Amazônia.

Nesse quadro, para o leitor interessado em análises sobre a contribuição de Marx e Engels para o estudo da guerra, um dos caminhos mais acessíveis é a produção em inglês vinda à luz nas últimas décadas, nos EUA e na Inglaterra, na sua maior parte durante a guerra fria. Vale lembrar que a mais completa coleção dos escritos militares

* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos.

de Engels foi publicada na Alemanha Oriental, com cerca de duas mil páginas. Mas, voltando ao inglês, esse idioma pode se constituir numa porta de entrada interessante à obra dos clássicos do marxismo sobre o tema. Em nossa perspectiva, a literatura nessa língua pode ser dividida em três vertentes.

A primeira delas foi inaugurada por Sigmund Neumann, cujo artigo “Engels and Marx: military concepts of the social revolutionaries” apareceu pela primeira vez na edição de 1943 da coletânea organizada por Edward Mead Earle, *Makers of modern strategy. Military thought from Machiavelli to Hitler* (Princeton University Press). Na nova edição dessa coletânea, *Makers of modern strategy. Military thought from Machiavelli to the nuclear age*, organizada por Peter Paret, em 1986 (Princeton University Press; editada no Brasil recentemente pela Bibliex), o texto foi um dos poucos sobreviventes, o que não deixa de ser surpreendente, tratando-se de uma coletânea que incluiu dessa vez um texto da conservadora Condolezza Rice sobre a estratégia soviética e suprimiu o artigo que, na obra original, tratava de Lênin, Trotski e Stalin, de autoria do próprio Mead Earle.

Neumann inaugura, assim, a corrente de autores não-marxistas que passaria a situar Engels como um dos maiores autores militares do século XIX e termina seu texto exaltando a presença do companheiro de Marx no entendimento do caráter dos exércitos modernos e da relação entre guerra e polí-

tica. Essa tradição de valorização da obra engelsiana tem continuidade em um artigo publicado na revista *Military Affairs*, em outubro de 1977, de autoria do especialista em história alemã, Martin Kitchen, com o título “Friedrich Engels’ theory of war”. O texto contrapõe o realismo de Engels ao romantismo dos partidários de Guevara e também elogia a capacidade de previsão do colega de Marx: “No curso de suas discussões da questão belga, Engels foi capaz de predizer o plano Schlieffen com extraordinária precisão” (p.123). Pouco tempo depois, no capítulo “Marx and Engels, on revolution and war”, parte integrante da obra *Philosophers of peace and war: Kant, Clausewitz, Marx, Engels and Tolstoy* (Cambridge University Press, 1978; há edição brasileira), W.B.Gallie, consideraria Engels “o mais perspicaz crítico militar do século XIX” (p.68).

Já no clima do pós-guerra fria, o estudo de Azar Gat, *A history of military thought. From the Enlightenment to the Cold War* (Oxford University Press, 2001) - extensa obra inicialmente publicada em três volumes e que eleva o pensamento sobre a guerra a um capítulo importante da história intelectual do ocidente - trata da produção de Marx e Engels em “Marxism, Clausewitz and military theory: 1848 to the nuclear age”, onde defende a tese de que não há uma leitura marxista de Clausewitz, mas um campo comum historicista que aproxima as duas vertentes do pensamento estratégico. De um modo ou de outro, Gat dá aos fundadores do mar-

xismo, com destaque para Engels, um lugar indiscutível na história do pensamento militar do século XIX.

Marxismo, guerra e guerra fria

Uma segunda corrente da produção anglo-saxã expressa-se na visão de que o estudo do pensamento militar marxista funcionaria como chave para entender as intenções da URSS, no contexto da guerra fria. Talvez a obra inaugural dessa vertente seja o obscuro *The operational code of the Politburo*, de N. Leites, provavelmente um pseudônimo (New York, Rand Corporation, 1951), que procura na psicologia social os conceitos capazes de decifrar o ethos comunista. Com mais sofisticação, *Marxism and the science of war* (Oxford University Press, 1981), organizado por Bernard Semmel, continua essa tendência, ao propor o entendimento das relações entre pensamento estratégico e ideologia, num livro que, ao mesmo tempo, constitui útil coletânea de textos de vários autores marxistas, de Marx e Engels a Byely.

Por fim, há uma vertente cujos autores analisam a importância do pensamento de Marx e Engels sobre a guerra a partir do próprio campo marxista, ou pelo menos bem próximos a ele. Insere-se aí o indispensável *Engels, armies & revolution*, de Martin Berger (Hamden, Anchor Books, 1977), exemplo da ascensão do marxismo, no mundo anglo-saxão, no período posterior a guerra do Vietnã. Voltaremos a este texto mais adiante.

A contribuição de Draper e Haberkern

É nessa linhagem que, finalmente, situamos o último volume da obra *Karl Marx's theory of revolution*, escrita por Hal Draper e completada, após sua morte, em 1990, por E. Haberkern, a partir das anotações deixadas pelo primeiro. O volume em questão traz o subtítulo *War & Revolution* (New York, Monthly Review Press, 2005). Analisa em detalhe os escritos dos dois autores sobre guerras como a da Criméia (1854-56), de Independência da Itália (1848-70), Civil Americana (1861-65), Austro-Prussiana (1866) e Franco-Prussiana (1870-71), entre outras. Debruça-se, também sobre a visão de Engels quanto à catástrofe que se avizinhava no final do século XIX. Discute com minúcia as esperanças colocadas por Engels no exército de voluntários, como arma à disposição da revolução.

War & Revolution oferece sobretudo uma abrangente e aprofundada reconstrução das reflexões de Marx e Engels não sobre a guerra em geral, mas sobre a *relação* entre guerra e revolução. Com base em análise da literatura publicada em inglês, francês, russo e alemão, o livro nos dá talvez a mais sofisticada interpretação recente sobre o tema. Para tanto, parte de uma indagação central: há fundamento na alegação dos socialistas que aderiram à guerra em 1914 de que eles davam continuidade a uma tradição supostamente inaugurada por Marx e Engels, fundada na idéia da legitimidade da *guerra defensiva*, como argumento

para apoiar os governos burgueses em seu esforço de guerra?

A partir daí, e da análise metódica da avaliação que Marx e Engels fizeram de cada um dos acontecimentos bélicos da segunda metade do século XIX, propõe a tese de que há uma ruptura fundamental na perspectiva dos fundadores do marxismo sobre as relações entre guerra e revolução. Até a guerra franco-prussiana, Marx e Engels analisam as guerras de sua época – marcadas pelo choque entre a Europa dinástica e a Europa burguesa – como uma *oportunidade* para o desencadeamento da revolução. Depois de 1870-71, a partir da constatação de uma mudança crucial no caráter da guerra – que passam a ser “guerras de povos, em que a própria nação estava ameaçada, ou se via ameaçada” (p.155) – os pais do marxismo vêem cada vez mais as guerras na Europa como uma *ameaça* à unidade do campo revolucionário. Em outras palavras, Marx e Engels percebem que o perigo no horizonte revolucionário é a ascensão do chauvinismo: “Depois de 1870, Marx e Engels não desejam uma guerra contra a Rússia. Eles a temem. E eram inflexíveis em que não apoiariam nenhum dos governos em tal guerra” (p.169). Engels, por sua vez, em seus últimos anos, “desenvolveu a sólida posição política antiguerra que foi a fonte das resoluções da Segunda Internacional” (p.17).

Nesse sentido, uma das facetas mais interessantes do livro é o destaque que dá à genialidade tática de Marx e Engels, na difícil tarefa de conduzir

as organizações internacionais dos trabalhadores a posicionar-se de forma a não prejudicar a unidade operária, em meio aos conflitos europeus, principalmente os que opunham Alemanha e França. Nesse contexto, Lassale, Bebel, Liebknecht e outros líderes aparecem como interlocutores frequentes – às vezes como fontes de preocupação - de Marx e Engels. Mesmo nesse quadro, no entanto, não é possível encontrar nada que justifique a colaboração com os governos nacionais e suspensão de toda atividade independente da classe operária durante a duração do conflito, adotadas como política por parte do movimento socialista em 1914.

Mas o livro apresenta contribuições bem maiores que essa breve síntese. Dedicou um capítulo ao escorregão hegeliano de Engels, na caracterização das minorias eslavas austríacas como “povos não-históricos”, mas nega que Marx ou Engels tenham com isso justificado a supressão de uma minoria em revolta. Analisa a posição dos dois autores diante das cinco potências envolvidas na guerra da Criméia, para lembrar o apoio deles à “sexta potência”: o proletariado. Acompanha a extrema complexidade das mudanças de posição de Engels e Marx no curso da guerra franco-prussiana e a profunda intuição de Engels de que a anexação da Alsácia-Lorena pela Prússia provocaria uma sede de vingança capaz de transformar o chauvinismo daí em diante num traço permanente da política francesa. Explora as discordâncias pontuais de Marx e

Engels. Dá grande importância à refutação da idéia do russofobismo e do filoprussianismo de Marx e talvez dê elementos para pensar, por exemplo, a questão do puro antiamericanismo como guia para as posições da esquerda neste começo do século XXI. E, finalmente, explora a expectativa de Engels, nos últimos anos de sua vida, de que, na era do sufrágio e do recrutamento universais, a chave da revolução seria um motim militar.

Alguns problemas

Da leitura da obra, ressalta, no entanto uma constatação: o pouco crédito que dá a textos que o precederam no tratamento do mesmo tema, principalmente o já citado capítulo de W. B. Gallie e o livro de Martin Berger. No caso do primeiro, parece inegável que já aparecia aí uma discussão inspirada da questão do gênio tático de Marx e Engels e da importância da temática das relações entre guerra e revolução. Parece difícil que Hal Draper não tivesse conhecimento do capítulo de Gallie, principalmente se pensamos na ênfase que dá ao caráter excepcional do único período em que Engels entrou na complicada questão da *guerra defensiva*, principalmente numa malfadada carta a Bebel. Gallie toma a carta como expressão de uma mudança importante na posição de Engels; Draper e Haberkern a consideram um acidente de percurso.

Mais intrigante é a falta de menção significativa à obra que mais se aproxima, já no próprio título, de *War &*

Revolution: o livro de Martin Berger, *Engels, Marx & revolution*. Apenas numa curta nota, aparece uma menção a ela, para afirmar, bastante equivocadamente, que esta “critica as tentativas de alguns de exagerar a influência de Engels no pensamento militar” (p.279). Na verdade, a tese de Berger é mais complexa: o que ele diz é que Engels “não marcou o curso do pensamento militar do século XIX” e completa: “durante a vida de Engels, a ciência militar teve mais impacto no marxismo que o marxismo na ciência militar”(p.13).

Ora, a afirmação não parece fora de propósito. Não seria realmente de esperar que os estabelecimentos militares do século XIX adotassem as sugestões de um dirigente comunista conhecido internacionalmente. Além disso, há que reconhecer o lugar paradigmático de Clausewitz na filosofia da guerra, ontem e hoje, aceita inclusive por todos os autores marxistas. Contudo, mais adiante, Berger destaca que Engels fez grande sucesso com seus textos militares: “A carreira de Engels como jornalista militar foi notável; ele foi respeitado em círculos militares burgueses e aristocráticos. Com efeito, chegou em 1854 a considerar a possibilidade de se tornar um autor militar em tempo integral” (p.51).

Feitas as contas, talvez a falta de referências a Berger no livro de Draper e Haberkern se deva justamente à semelhança de suas perspectivas. Afinal, a principal tese de *War & revolution* aparece com todas as letras em *Engels,*

armies & revolution:: “A tendência da Social-Democracia alemã a pressupor que as guerras defensivas eram justas e as guerras agressivas eram injustas não é um legado de Marx e Engels” (p.69). O mesmo vale para a relação entre guerra e revolução: “O interesse de Engels e Marx pela guerra e pela política externa era um produto de seu interesse pela transformação revolucionária da Europa e do mundo” (p.73). Ou para a questão do russofobismo: “O ódio (de Engels) e Marx pela Rússia era baseado em sua avaliação do papel contra-revolucionário” desse país “e diminuiu um pouco, à medida que a Rússia passou a aparecer menos inequivocamente comprometida com a reação” (p.72).

A importância de Engels

Finalmente, o livro de Draper e Haberkern poderia ter encontrado em Berger um precursor na constatação de que o estudo da guerra era a província de Engels. Nesse sentido, Berger afirma que “Marx tinha pouco interesse pela guerra” (p.50) e que “em geral, Marx abordava os temas militares num espírito de relutância e apreensão”, o que *War & revolution* confirma amplamente. Ao comentar os artigos que Marx assinou no *New York Daily Tribune*, o texto diz: “Engels era geralmente encarregado de escrever material sobre assuntos militares (...). Era seu campo” (p.53). Mais à frente, refere-se à tendência de Marx a considerar “fora de seu departamento” (palavras de Marx) as questões mais especificamente militares (p.88),

ou a tomar detalhes militares como meio para chegar a assuntos realmente cruciais (p.108). Por outro lado, tanto Martin Berger quanto Draper e Haberkern destacam a grande repercussão dos artigos de Engels sobre a guerra franco-prussiana, publicados na *Pall Mall Gazette*, bem como de seus artigos “O Pó e o Reno” e “Pode a Europa se desarmar?”. Finalmente, Berger lembra que “até sua morte, em 1895, (Engels) foi o principal conselheiro militar do movimento revolucionário” (p.56).

Diante de tudo isso, o título geral da obra parece particularmente injusto com Engels neste volume (na introdução, Haberkern diz que “este é o quinto volume de uma série projetada de seis sobre as visões políticas de Marx e Engels” - grifo meu). A mais breve leitura basta para revelar a proeminência de Engels no debate em questão, de resto, amplamente admitida por Marx, que chamava o amigo de “ministro da guerra de Manchester”. Estatisticamente, o índice final da obra o comprova: aí aparecem 104 menções a Engels e apenas 37 a Marx. Não por acaso, a filha de Marx, Jenny, gostava de provocar o “tio”, que não chegara sequer a cabo ao servir o Exército, com o apelido de “General”.

De resto, o brilhantismo de Engels continua a ser descoberto em tempos recentes. Em sua análise iconoclasta sobre a Primeira Guerra Mundial, *The pity of war* (New York, Basic Books, 1999), o historiador Niall Ferguson, estrela atual do meio acadêmico anglo-saxão, reconhece que pouquíssimos contempo-

râneos tiveram a capacidade de antever a hecatombe que se anunciava na guerra de 1914. Citando apenas três exceções, admite que “um foi o colaborador de Marx”. Com efeito, Engels, em texto de 1887, quatro anos depois da morte de Marx e vinte e sete anos antes da eclosão da Grande Guerra, visualizou:

uma guerra mundial de extensão e intensidade jamais vista, se o sistema de superação mútua em armamentos, levado ao extremo, produzir seus frutos naturais. (...) Oito a dez milhões de soldados se exterminarão mutuamente e deixarão a Europa arrasada, como nenhuma nuvem de gafanhotos seria capaz. As devastações da Guerra dos Trinta Anos, condensadas em três ou quatro anos, e espalhadas por todo o continente; fome, epidemia, barbárie geral de exércitos e de massas, provocadas por puro desespero; caos completo em nossos negócios, comércio e indústria, terminando em bancarrota geral; colapso dos velhos estados e de sua sabedoria tradicional, de tal forma que coroas rolarão nas valetas às dúzias e não haverá ninguém disponível para recolhê-las; absoluta impossibilidade de antever onde tudo isso terminará e quem serão os vitoriosos nessa luta; apenas um resultado é absolutamente certo: exaustão geral e a criação das circunstân-

cias para vitória final da classe operária (Ferguson, p.8).

Trágica clarividência, que pode servir como um convite a mais para visitarmos, cento e dez anos depois da morte de Engels, os escritos sobre a temática militar de um dos fundadores do marxismo.

MARTINS FILHO, João Roberto. Engels, Marx e a guerra. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.22, 2006, p.154-160.

Palavras-chave: Engels; Marx; Guerra.